

Tecnoperformance | Gestos Indomesticados: ações para desdomesticar o corpo

Technoperformance | Untamed gestures: actions to undomesticate the body

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira¹
Thalita Braga da Silva Magalhães²
Virna da Silva Bemvenuto³

Resumo

O presente artigo propõe reflexões acerca das ações performativas mediadas pela tecnologia digital, realizadas no contexto do isolamento social instaurado pela pandemia do COVID-19 pelo projeto O Corpo nas Artes Visuais vinculado ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Busca compor um panorama de descobertas acerca do corpo artístico dentro do ambiente doméstico.

Palavras-chaves: Performance; Corpo; Casa; Pandemia Covid-19

Abstract

This article proposes reflections on the performative actions mediated by digital technology, carried out in the context of social isolation brought about by the COVID-19 pandemic by the project O Corpo nas Artes Visuais linked to the College of Application of the Federal University of Rio de Janeiro. It seeks to compose a panorama of discoveries about the artistic body within the domestic environment.

Keywords: Performance; Body, House; Covid-19 Pandemic

1

Letícia Carvalho vive e trabalha no Rio de Janeiro, mestranda em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense (2015); especialista em Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011); graduada em Educação Artística - Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005); e formação incompleta na graduação do curso de Bacharelado em Dança nessa mesma instituição (2007-2010). Atualmente é professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde coordena o projeto de ensino e pesquisa O Corpo nas Artes Visuais (O Corpo Navi). Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Performance e Arte Contemporânea. Artista-Professora-Pesquisadora com interesse no corpo em experiência na arte. cabelenta@gmail. com site: <http://leticia-carvalho-cabelenta.wordpress.com>

2

Thalita Magalhães é artista, pesquisadora, professora em formação e graduanda em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas EBA-UFRJ. A artista aborda suas poéticas por meio de linguagens como a escultórica, fotográfica e performática. Participou da oficina de Fotolivro com a fotógrafa Ângela Berlinde e é integrante do projeto O Corpo nas Artes Visuais - CAP/UFRJ. Thalita, já expôs suas obras na VII Bienal da EBA- Paço Imperial, Mostra Virtual Daqui de Casa (PR-7 UFRJ), II Mostra Precisa-se de Arte (IFRN), Exposição Virtual - Raízes por arrobagaléria e da Projecção [Re]descobrimdo por [RE]TRATE. thalitam5000@gmail.com Link para acesso do portfólio: https://www.canva.com/design/DAEmSxWQt6s/3-etiDlYglrJAVa1uAtrMA/view?utm_content=DAEmSxWQt6s&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=viewer

3

Virna Bemvenuto vivencia sua prática artística e poéticoeducativa enquanto gesto relacional a destecer fronteiras e tramar encontros com corpos, saberes e materialidades. Enquanto artista multimeios, pesquisadora e professora de artes visuais, transita no campo expandido das linguagens por meio da performance, de procedimentos escultóricos, vídeo, escrita e desenho na convocação da presença no corpo enquanto lugar habitado, em suas dimensões de matéria, memória, movimento e afetividade. Integra o projeto O Corpo nas Artes Visuais - CAP/UFRJ, o Projeto Desenhança, o FRESTAS/UNIRIO e integrou o PEL/PR7 - UFRJ como propositora/idealizadora das Práticas de Labirinto. Com formação em Artes Plásticas/Licenciatura pela EBA/UFRJ, estudos na Metodologia Angel Vianna e Artes Integradas na Educação pelo Instituto Tear. Teve videoperformance contemplada pelo prêmio FUNARTE RespirArte (2020) e atualmente expõe em Poéticas Femininas na Periferia, no Paço Imperial/RJ. bemvenutovirna@gmail.com link do meu portfólio: <https://drive.google.com/file/d/1DcBNu7wUSJpvFXiYPWeTC9slj5ajVIX0/view?usp=sharing>



Por sua luz, a casa é humana.

Gaston Bachelard

Introdução: Sala de estar

Abrimos a porta: a casa que abriga o corpo que nos abriga. Abrimos o corpo: que com sua consciência é uma instância de devir as formas, as intensidades e o sentido do mundo, o corpo consciência se desdobra, transmuta, se tornando uma espécie de órgão de captação das mais finas vibrações do mundo, sendo hipersensível, podendo entrar imediatamente em contato-osmose com outros corpos, se abrindo a outros corpos. Abrir o corpo é construir um “espaço paradoxal, não empírico, do em-redor do corpo próprio, [...] um espaço à espera de se conectar com outros corpos”, que também se abrem. (GIL, 2004, p.10)

Um tempo que nos pede pausa, escuta, a renúncia à rua para a permanência na casa. “A casa é humana”, mas não só. Co-habitamos o espaço doméstico com muitos corpos não-humanos, com suas diversas qualidades matéricas que os diferenciam de nós e, simultaneamente, constituem o que nomeamos de “nossa vida”. As coisas com suas memórias nos convidam a performatividades específicas: a um jeito de tocar, andar, sentar, abrir, fechar, um mover em relação com tudo que estrutura nosso meio.

Consideramos aqui que o modo como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos é pautado na cultura que nos forma e deforma. Cabe-nos situar onde estamos: a cultura ocidental capitalista, que historicamente se expandiu e se mantém pela lógica de apropriação do outro, seja o outro um território, uma pessoa, um animal, uma planta, uma coisa. Assim, nos colocamos em relação ao outro a partir de uma lógica dicotômica sujeito-objeto, onde o humano se faz sujeito - ser animado que realiza a ação - em suas interações e, o restante do mundo, é considerado objeto - portanto, inanimado - passível de se tornar propriedade. Essa lógica que continua a gerir processos de dominação e exploração divide o mundo entre os que dominam e os que são dominados e, portanto, são considerados recursos: existem para uso e subserviência dos humanos, como ocorreu nos processos de escravização das pessoas negras e indígenas e como ainda ocorre, visível e absurdamente com a natureza:



Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

Se considerarmos a operação de adquirir e possuir uma propriedade como algo que faz um humano em relação com algo inanimado - e possuir escravos é considerá-los incapazes de uma completa e genuína animação - , é certo que aquilo que possui tem soberania sobre aquilo que é possuído. Trata-se talvez da primeira das questões de direito: uma questão do dispor de um não-humano por um humano. (BENSUSAN, 2017. p. 154)

Desse modo, propomos uma articulação deste pensamento encontrado em Bensusan com as questões do "Devir" encontradas em Deleuze e Guattari, no livro "Mil Platôs", volume 4, onde abordam as questões de "Devir-intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível", conforme apresenta Abreu Filho no trecho abaixo:

Como pensar, então, os entes concretos e suas relações? Os autores respondem que os entes são diferenças e suas relações devires, afetos ou modificações, que devem ser pensados independentemente das idéias de forma, função, espécie e gênero. O conceito de devir acompanha o abandono das concepções substancialistas e da perspectiva "hilemorfista" da individuação (simples encontro de forma e matéria), para pensar os corpos como singularidades e seus devires como processos irreduzíveis às sobrecodificações do organismo, do significante e do sujeito. Nesse sentido, os devires são moleculares e minoritários; imperceptíveis (anorgânicos), indiscerníveis (assignificantes) e impessoais (assubjetivos). (DELEUZE e GUATTARI, 1995-1997 apud FILHO, 1998, p.145)

Percebe-se, então, que a noção de humano, bem como a ideia de humanização - ainda que remonte uma luta histórica por direitos e dignidade que nos engajou e engaja contra a produção de subalternidades entre nós próprios, os humanos - demarca também uma cisão em nossa percepção de mundo enquanto organismo vivo interrelacionado, bem como nossa percepção de corpo enquanto "um coletivo de interdependências e apelos, mais como uma floresta, menos como uma instituição total" (BENSUSAN, 2017, p.157). Tal cisão limita as relações que experimentamos para além de nós mesmos, visto que nos afasta de um parentesco planetário que constitui a própria matéria da qual todos os corpos existentes são feitos.



Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

Diante disso, das lógicas que nos balizam, cabe-nos perguntar: estamos domesticadas a habitar por hábito? As experimentações que vivenciamos e apresentaremos a seguir, ativaram uma escuta para modos de relação para além do sujeito-objeto. Nos colocamos na busca de resistir ao poder de dominar a casa onde habitamos, tentando abrir nossa percepção em desvio da noção de uso, do regime utilitarista que fazemos das coisas e do espaço, nos atentando para os convites que a casa enquanto corpo não-humano e sua mobília, seres e coisas com suas materialidades nos acionam, na tentativa de que essa escuta ampliada amplie também o corpo inteiro, o impelindo a desdomesticar-se, fazendo da casa muito mais do que um espaço útil, mas uma casa-corpo animada, que tem voz em seus organismos.

O Projeto O Corpo nas Artes Visuais (O Corpo NAVI) vinculado ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Cap-UFRJ) desde 2017 é coordenado pela professora-artista-pesquisadora Letícia Carvalho, mestra em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF) e especialista em ensino de arte (UFMG). O projeto acontece no cruzamento das práticas artísticas e pedagógicas, tomando como eixo principal as corporeidades e suas inúmeras possibilidades estéticas e poéticas. O Corpo NAVI investiga e propõe o corpo em experiência em práticas performativas e diálogos experimentais com suas demandas sensíveis, no bojo das artes contemporâneas. Até o momento da pandemia da Covid-19, o projeto era realizado juntamente com turmas dos Ensinos Fundamentais e Médio, em sala de aula e demais espaços do CAP-UFRJ. Porém, durante o período de isolamento social, nos sentimos convocadas a pensar o que pode o corpo no ambiente doméstico, para além das vivências cotidianas e regimes de produção que adentram nossas casas atualmente, e que aberturas nos modos de habitar nos são possíveis por meio da ação própria da linguagem da Performance, em sua natureza disruptiva (ALICE, 2014) e indomesticável: como a casa poderia se tornar um lugar de criação para nutrir a vida diante das complexidades da conjuntura pandêmica de COVID 19.



**Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo**

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

No momento desafiador o qual estamos vivendo, onde ficar em casa se tornou imperativo para se manter vivo, nos encontramos localizadas na linha tênue entre a casa-ninho e a casa-confinamento. Escutamos constantemente: fique em casa, se possível! Porém, cabe-nos considerar a drástica desigualdade social que assola nosso país, onde muitas pessoas são convocadas à rua mesmo diante do vírus letal, em nome do sistema de produção que nos acomete: não só o direito à casa mas também o direito de ficar em casa ainda é privilégio de alguns. Por outro lado, os que podem ficar em casa durante a pandemia, por vezes, vivenciam um processo de adoecimento emocional, atravessados pelos desafios e tensões das impossibilidades da atual conjuntura. Diante disso, como podemos enquanto artistas-educadoras-pesquisadoras provocar disrupções nos modos de habitar a fim de propor relações que ampliem a casa, a partir do corpo, para uma dimensão poética?

Nesse contexto, convidamos a viver a casa. Vivamos a casa: a real e a imaginária, a casa abrigo. Uma casa habitada é onde o corpo está abrigado, acolhendo mutuamente um ao outro em seus espaços, nos quais relacionamo-nos com os diversos objetos que narram histórias desse habitar. Habitações.

Habitar pode ser também conhecer o corpo, os corpos e descobrir suas nuances e suas potências para o cuidado tão necessário ao cultivo da vida, criando brechas e intimidade com o outro, com as coisas e o ambiente que estamos ocupando durante esse período. Ocupações.

Corredor: mover através

Ações. Pela necessidade de agir, pôr-se em movimento, surge a proposição *Programa Performativo na Quarentena* (PPQ), criado pelo Corpo NAVI, inspirada pelo conceito de Programa Performativo (FABIÃO, 2013) referente ao enunciado da performance: “um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizada pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio [...] composto por frases simples, verbos no infinitivo e sem adjetivos, operando como motor da experimentação”. (FABIÃO, 2013, p. 4)



Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

O PPQ busca desdomesticar o corpo no espaço da casa propondo vivenciá-la como um espaço criativo, percebendo-a como uma extensão do corpo e, ao mesmo tempo, como um corpo sensível de memórias. Convida a resignificar esses locais pré-construídos e definidos, construindo novas relações e deixando se afetar por essas descobertas. A linguagem performática habita os lugares mais diversos, se organiza em função das demandas do tempo presente. PPQ surge como um paraquedas: nos convidando a pousar, diminuindo o impacto de nossa queda, nos apresentando a possibilidade de habitar poeticamente. As experimentações registradas em vídeo são um convite ao público para se juntarem a nós nesta prática de arte-vida

Ocupar a “casa-corpo e o corpo-casa”⁴ e se deixar afetar por essas descobertas. Gritar no banheiro, dançar na cozinha e buscar outras medidas para o quarto, quebrando com a lógica do sistema imediatamente decifrável que é estabelecido com a casa, usurpando a vida e o sentir humano do sistema controlador da existência. Diante disso, o Corpo NAVI desenvolveu três PPQs: *Métricas do Corpo*, registrado em vídeo e compartilhado via Instagram; *Liquidificando o Corpo* e *O Grito*, ambos performados ao vivo e transmitidos simultaneamente pelas plataformas Zoom e Google Meet, respectivamente.

Para os PPQs performados ao vivo, utilizamos o termo “tecnoperformance” procurando evidenciar a mediação pela interface tecnológica das redes. Considerando que “a performance pode ser categorizada conforme a modalidade”, Rosangella Leote (2011) nomeia tecnoperformance “a ação corpórea envolvendo algum tipo de tecnologia cujo peso formal é tão importante quanto o peso formal do corpo em ação” (LEOTE, 2011, p.4425). Porém, o PPQ *Métricas do Corpo*, performado para o vídeo e compartilhado em um momento posterior, ou seja, não há público no momento presente da performance, também pode ser considerado, enquanto vídeoperformance, uma categoria da tecnoperformance, conforme aponta:

4

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso.

Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa.

(BACHELARD, 2008, p.201)



Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

[...]a junção entre o corpo e a tecnologia ultrapassa mesmo as questões de mídia e conteúdo, tornando-se muito mais uma nova linguagem, um novo ambiente para a criação artística. O termo “tecno-performances” foi cunhado por Rosângela Leote (1999) para definir trabalhos performáticos realizados por meio de interfaces tecnológicas de qualquer natureza. A tecno-performance poderia ser subdividida em diversos tipos, de acordo com a linguagem e a relação entre corpo e máquina - nessa subdivisão se inclui, por exemplo, a vídeo-performance. Segundo a autora, qualquer obra que envolva ação e vídeo, independente de estar conformada como intermídia, ou com outra configuração (multimídia, transdisciplinar ou interdisciplinar), haverá um potencial performático. (FORNACIARI, 2015, p. 37)

Assim, considerando as redes amplas constituídas pelas interações entre humanos e não-humanos - sejam os não-humanos matérias que habitam a casa conosco e também os aparelhos de tecnologia digital com os quais nos relacionamos intensamente para a realização das tecnoperformances -, abraçando suas diferenças “sem reduzi-las como fazia o relativismo e sem exagerá-las como faziam os modernizadores” (LATOUR, 2009, p. 114), lançamos o olhar para a noção do híbrido “meio objetos, meio sujeitos” e para a expansão da presença coletiva na conexão em rede das casas em diversas localidades:

A ampliação das redes estava interrompida até então e forçava a manutenção de territórios (Deleuze e Guattari, 1972). Mas ao multiplicar estes seres híbridos, meio objetos, meio sujeitos, o que chamamos de máquinas e fatos, a topografia dos coletivos mudou. Como o envolvimento destes novos seres gerou efeitos extraordinários de dimensionamento, ao provocar a variação das relações entre o local e o global, embora continuemos a pensá-las com as antigas categorias do universal e do circunstancial, temos tendência a transformar as redes ampliadas dos ocidentais em totalidades sistemáticas e globais. (LATOUR, 2009, p. 115)



Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo
Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

(in)Cômodos: presença, imagem e corpo-expandido

Quarto: Métricas do corpo⁵

Programa Performativo na Quarentena : Métricas do Corpo, 2020 (Letícia Carvalho).

Medir os móveis, espaços e objetos do seu quarto utilizando o corpo e/ou suas partes.

Elaborar um texto de suas medições em forma de inventário.

Inventariar seu dormitório em forma de vídeo.



Stills da videoperformance "Métricas do Corpo", 2020, acervo Corpo NAVI.

Propositora: Letícia Carvalho

Performers: Letícia Carvalho, Virna Bemvenuto e Thalita Magalhães

Data de realização: 22 de junho de 2020

O corpo é a certa medida de tudo.

O corpo na casa sente, ressoante e é atendido em suas demandas. A casa-corpo acolhe, recebe e transforma o imperativo do corpo buscando uma justa medida entre cada um dos agentes deste fazer corpo-abrigo. Nesta intensa estadia do corpo em casa, corpo e casa criam ajustes para suas necessidades, corpo e casa se sujeitam a uma dualidade do desejo e da obrigação de estar protegido e de oferecer conforto. O estar em casa em isolamento social é habitar seu abrigo, viver o espaço intensamente estabelecendo a essência de cada uma de suas propriedades: a de corpo e a de casa, a de corpo em casa, a de corpo-casa.

5

Disponível em: <https://vimeo.com/430164217> Acesso: 22 de jul. 2021.

Disponível em: https://drive.google.com/file/d/112exRmCyAm0n-fd55DaB5RuQrZCglcp_/view Acesso em: 09 de ago. 2021.

Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

Desse modo, promover encontros do corpo com os outros corpos não humanos da casa que extrapolam o fazer cotidiano, o habitual e o esperado. Dançar com o corpo na casa, tocar a casa com outros membros e sentidos: pele-madeira, cabelo-armário, pontas dos dedos-mesinha, antebraços-janelas. Inventariar as texturas do cômodo, sentir incômodos, afagos e se deixar afetar. Levantar, assentar e narrar, em qualquer ordem. Dar voz à experiência da intensidade da casa no corpo.

Criar um programa performativo para medir com o corpo a casa e seus componentes, assim como diz Eleonora Fabião, nos traz a clareza de que:

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hannah Arendt, programas são iniciativas. (FABIÃO, 2013, p. 4)

Enquanto coletivo, tomamos a iniciativa de experimentar a casa e dar a ver a casa do outro em seu corpo, suas relações e seu verbo. "Inventariar: transitivo direto, relacionar, catalogar, listar, série de coisas" (dicionário google), dar a ver mais do que os aplicativos de encontros nos mostram, em seus pequenos quadriláteros da imagem do outro. Se pôr a performar em casa para o vídeo - a videoperformance - deflagra negociações com os corpos habitantes deste lugar e com linguagem do vídeo somadas à da performance. Torna-se uma ação experimental iniciada por um programa - PPQ - onde "[...]o performer suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica e passividade no ato de 'pertencer' [...] Este pertencer performativo é ato tríptico: de mapeamento, de negociação e de reinvenção através do corpo-em-experiência." (FABIÃO, 2013, p. 5).

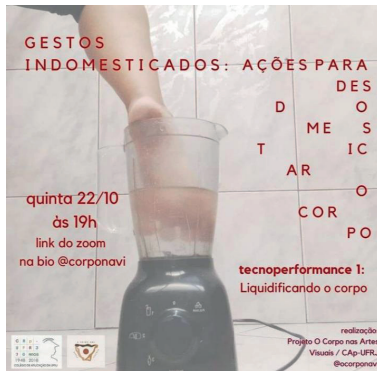


Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo
Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

Cozinha:Tecnoperformance#1-Liquidificando o Corpo⁶

Programa Performativo na Quarentena: Liquidificando o corpo, 2020.
(Virna Bemvenuto)

Dançar ao som do liquidificador. Acordar as articulações movendo das extremidades (dedos, pés, mãos, cabeça) ao centro do corpo. Misturar o todo: cabelo pele músculos ossos órgão fluidos. Acordar o mar de dentro. Transbordar o mar para fora. Acordar a casa e a coragem



Imagens da divulgação da Tecnoperformance#1 "Liquidificando o Corpo", 2020,
acervo Corpo NAVI

Propositora: Virna Bemvenuto

Performers: Letícia Carvalho, Virna Bemvenuto e Thalita Magalhães

Data de realização: 22 de outubro de 2020

Li-qui-di-fi-ca-dor. Ligar a máquina. Acordar o corpo. Experimentar uma movimentação motivada pelo barulho que a máquina faz quando convocada ao uso. Não utilizá-la. Ou melhor, não utilizá-la para a finalidade pela qual foi construída: cortar comida em fragmentos, triturar corpos de frutas, verduras e legumes. Extrair seus líquidos, separar a fibra do suco, garantir a polpa. Ou melhor, subverter sua função utilizando-a para um fim inútil: fazer chacoalhar o corpo humano ao som caótico que mistura partes e gerando um novo todo. Acordar vértebras enrijecidas, dobras esquecidas, esquentar o sangue, arrepiar a pele, fazer suar os poros, ritmar a respiração, dançar intuitivamente acolhendo em si a expansão que desestabiliza o ordenado. Experimentar uma *des*-organização, exaltando o prefixo "des" enquanto negação da ordem estabelecida, que provoca abertura a

Tecnoperformance I Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

outros modos de organizar: trocar os órgãos de lugar liberando-os de um confinamento utilitário, dando passagem a um modo de mover que gera diferenças. Abrir escuta ao corpo pelo som da máquina, até cansar. E ao fim, dar-se conta do que pode ser estar vivo, constatar a vitalidade que vibra e circula em nós apesar de. Dar-se conta das inutilidades muito úteis porque nos chamam à vida, bem aqui, agora, a partir do corpo que habitamos, também, por invenção.



Still da tecnoperformance#1 "Liquidificando o Corpo", 2020, acervo Corpo NAVI.

Fazer da cozinha um lugar plurisensorial. Lugar do alimento. Não só dos alimentos que entram pela boca - cavidade que age, potencialmente, como liquidificador feito de carne, osso e saliva - e são triturados pelos dentes, mas os que nos chegam atravessando a fronteira da pele, pelas janelas dos sentidos, desembocam dentro dos ossos e nos nutrem de um invisível que se manifesta na expressão de um corpo presente: força criativa. O alimento invisível que nos nutre pode ser encontrado entre tábuas de corte, panelas, talheres, pratos, copos, liquidificadores. Um alimento que emerge das panelas das interações dos corpos humanos e não humanos, uma abertura do corpo humano à coisa. Menos por um domínio e mais por uma relação a partir do campo sensorial. Liquidificador para além de uma relação de propriedade: você o toca e, ao mesmo tempo, é tocada por ele. Possivelmente há um vínculo do sentir que se constrói no espaço-entre seu corpo e o dele. Digamos que uma física quente, um calor corpo-máquina de

Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

acionamento mútuo, que talvez você acredite dominar - afinal, já sabemos como girar o botão - , mas que inevitavelmente nos escapa, porque nos convida à potência de uma performatividade inabitual: metálica, cilíndrica, rodopiante, fluida, líquida ou cremosa, vibrante e espalhafatosa.

Dar-se conta da potencialidade do liquidificador de animar o corpo humano à uma experiência liquidificante: aquela capaz que reativar nossos fragmentos e encontrar na sensação da metáfora de um corpo em pedaços um elo sensível e multifacetado que nos afirma enquanto todo, o corpo inteiro tramado em relação. O que pode um corpo liquidificado?

O corpo feito de copo, tampa, motor, válvula, catavento cortante, botão, artérias elétricas nos conta algo sobre nossos modos de habitar. Há algo entre você e o corpo-liquidificador: um espaço-entre permeado de ruídos que nos lançam ao tempo tomado pelo som que esparrama e absorve em si todos os outros sons: barulho de máquina berrante que quando ligada se torna onipresente na casa. Um barulho voraz que acorda os cantos de modo selvático, que chama nossos bichos ao espernear seu catavento cortante que anuncia que hoje tem suco, hoje tem vitamina. A criação de um suco batido de frutas dissolve a morbidez da casa pela ativação sonora que anuncia o alimento por vir. O liquidificador como um corpo cilíndrico maquinal que dança movendo o alimento incorporado nos convida à desobediência à funcionalidade da cozinha, que por vezes, se faz mais por obrigação - especialmente no caso das mulheres - do que por invenção.

Após a movência, um corpo fluido, embebido de si, é aproximado à potência de um liquidificador. Corpo animado por ele e que anima tudo ao seu redor. Corpo que se moveu com o caos no desafio de estar presente diante das ausências que nos tomam, diante dos acúmulos de tela, louças, roupas, precariedades, saudades, comorbidades.

Diante da impossibilidade de convívio no espaço público e diante da sensação de cerceamento que, muitas vezes, nos acomete na interioridade da casa, refletimos junto com Tania Alice (2014), que nos fala a partir das experiências no ambiente público com o coletivo Heróis do Cotidiano. Como podemos encarar nossa atual conjuntura com todas as suas diferenças do nosso habitual e elaborar aproximações criativas entre o estranho e o familiar, a fim de gerar:



Tecnoperformance I Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

[...]tensões entre uso funcional e uso poético do espaço, a relação estabelecida entre ecologia interna e ecologia externa [...], a valorização do “inútil” [6], o desejo de realizar uma transformação energética no espaço e nas pessoas, o fato de pensar a performance como uma dádiva e, principalmente, o fato de privilegiar o que as artes marciais japonesas definem como “ma”: o espaço relacional. (ALICE, 2014. p.4-5)

Por meio da linguagem da performance, experimentamos possibilidades de desobediência às movências cristalizadas, dilatando o espaço-tempo da cozinha para ativação corporal criativa: alimentar-se do prazer de uma dança em um momento cotidiano, uma prática de vida em tempos de confinamento. Criar um corpo dançante que transborda para a tela, atravessa enquanto imagem a interface do computador e chega do outro lado, encontra alguém, desordenando a sala virtual de suas apreensões corriqueiras ao propor uma reorganização sensível. Em um sistema de produção que, por vezes, nos quer máquinas controláveis, ocupar o ambiente virtual *des-operando* o estatuto usual desse espaço pode ser alavancar uma performatividade outra no convívio com a tecnologia digital, na contramão de um possível desaparecimento do corpo pela perda do contato físico com ele. Que o ambiente virtual não nos usurpe a presença matérica do/ no corpo, não nos estratifique em imagens, mas que ela nos acione à possibilidades outras de gerar um convívio incorporado pelos afetos de outros corpos humanos e não humanos que nos animam, que nos trazem de volta à vida.

Banheiro: Tecnoperformance #2 - O Grito⁷

Programa Performativo na Quarentena: O Grito, 2021 (Thalita Magalhães)

Quarta, dia 28/04, às 19h.

Click no link,
entre e grite.

Grite.

Quantas vezes quiser.



Tecnoperformance I Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

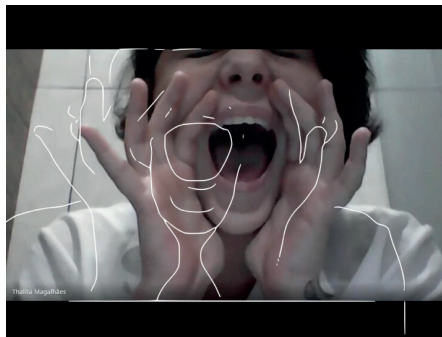


Imagem da divulgação da tecnoperformance#2 "O Grito" e still do vídeo de registro, 2021, acervo Corpo NAVI.

Propositora: Thalita Magalhães

Performers: Letícia Carvalho, Virna Bemvenuto, Thalita Magalhães e o

Público presente

Data de realização: 20 de abril de 2021

Grito: som, ruído, barulho.

Fazer barulho. Expulsar ruídos.

Emitir sons que se tornam inaudíveis, esquecidos dentro do nosso corpo.

Perfurar as paredes do agora. Equalizar os nós da garganta.

Descontrolar. Desdomesticar. Tecnoperformar.

O grito surge como um gesto latente, disruptivo e desdomesticativo, uma forma de produzir presença, sonoridade e rompimentos com os ambientes do banheiro e virtual. Perfurar. Rasgar o momento, vaziar dores. Desengasgar acúmulos, desfazer os nós. GRITAR. BERRAR. Amplificar o corpo. Descarregar.

Abrir uma sala de reuniões. Nos encontramos no banheiro. Um chamado ao outro para gritar, controladamente ou descontroladamente, quantas vezes quiser e da forma como quiser, propondo um meio de externalizar os ruídos que ficam esquecidos e acumulados dentro de nossos corpos, desfazer os nós da garganta. Para além disso, propor novas direções

Tecnoperformance | Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

a serem percorridas e vivenciadas nesses espaços, abrindo uma brecha na memória afetiva subjetiva que estes lugares carregam. Rompendo também com a funcionalidade empregada aos nossos corpos quando habitamos, expandindo a percepção do corpo no espaço, doméstico ou virtual, a novas descobertas, novos gestos e outras formas de agir.

Em *O Grito* o banheiro se torna um local de ocupação latente, no qual despertamos ruídos de um corpo inteiro, expulsamos, descarregando o acúmulo energético que sufoca, abafa e comprime o nosso corpo. Acúmulo estes que são absorvidos pelo nosso corpo ao longo da vida, mas principalmente neste momento pandêmico e de isolamento social que estamos vivenciando, em que ficar em casa pode ser inquietante, angustiante. Gritar no banheiro é abrir um canal de compartilhamento e afeto coletivo, um momento de cura, contato, conexão, descarga, higienização e extrapolção. Reenergizando o corpo-casa e a casa-corpo.

[..] Performance: presença intensificada; ecologia mental e higiene da alma por meio de um esvaziamento do corpo e da mente para a abertura de outros canais. A performance como prática espiritual, existencial, como fusão de arte e vida, intensificação de afetos e das relações. (ALICE, 2014, p.43)

Assim, deixando todo esse acúmulo escorrer por sua garganta, pela sua pele, berrando, gritando, rompendo com as camadas de silêncios do corpo e do ambiente, com as paredes do banheiro, da casa, do vizinho e do espaço virtual, esse corpo que berra, grita, amplifica, escorre, se reenergiza e higieniza, no espaço do banheiro, está sendo desdomesticado e ecoando para outros cantos, tornando-se, então, transmutável.

Área de Serviço

Se a performance é um meio disruptivo com o espaço do cotidiano, estas experiências com a tecnoperformance, propõem ações disruptivas com o espaço doméstico, gerando a sua desdomesticação. O espaço doméstico se torna o local de uma jornada poética em busca de novos caminhos a serem percorridos e reencontrados dentro da casa. O corpo é transmutado se liberando de suas funções pré-determinadas por estes espaços, ocupando e reconhecendo o espaço virtual como um caminho à construção poética.



Tecnoperformance I Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

Tecnoperformar: o corpo-casa-abrigo é matéria, é sujeito, é objeto, é coisa, é barulho, é ritmo, é medida, é instante. Transborda o ambiente doméstico e escorre para o virtual, inundando a superfície da tela, tomando para si, ocupando. Performa a desdomesticação do corpo, vibra inquietude para além da pele.

Deste modo, a Tecnoperformance transforma, recria e remodela os limites da casa, propondo alternativas para essa experimentação, ampliando e questionando a percepção acerca do que o corpo artístico e as suas demandas sensíveis anseiam investigar nesse momento de isolamento social.

[...]a pele já foi o começo do mundo, e, simultaneamente, os limites do self. Mas agora, expandida, perfurada e penetrada pela tecnologia, a pele não mais significa fechamento. A ruptura da superfície e da pele implica o desaparecimento do que é dentro e do que é fora. (FORNACIARI, 2015, p. 37)

Assim, ocupar o espaço virtual e estabelecer uma forma de comunicação sensível com outros corpos que estão isolados em suas casas, nos conduz a um estado de presença que afeta energeticamente estes ambientes. A tecnoperformance abre um espaço de compartilhamento, experimentação e escuta, coletiva e individual, diluindo as fronteiras impostas com o fazer criativo, artístico, poético, espiritual, curativo e relacional. Religando arte e vida, despertando a consciência de um corpo-casa e casa-corpo inteiros, que nos pede cuidado.

Quais caminhos percorremos pela casa e como percorremos?

Em quais novas direções podemos nos encontrar?

Referências:

ALICE, Tania. *Performance de Arte Relacional: uma (r)evolução dos afetos*. Revista Performatus. Ano 2, n. 9. 2014.

ALICE, Tânia. *Diluição das fronteiras entre as linguagens artísticas: a performance como revolução dos afetos*. In: Catálogo Nacional do SESC, 2014.

ALICE, Tânia. ARAÚJO, Antônio. *A ação disruptiva no espaço urbano: um treinamento ativista*. In: Treinamentos e Modos de Existência, (org. Bya Braga e Alex Beigui), Rio Grande do Norte: EDUFRRN, 2013



Tecnoperformance I Gestos Indomesticados:
ações para desdomesticar o corpo

Letícia Carvalho da Silva de Oliveira
Thalita Braga da Silva Magalhães
Virna da Silva Bemvenuto

BACHELARD, Gaston. *Poéticas do Espaço*. 2a. Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENSUSAN, Hilan. *Linhas de Animismo Futuro*. 1a Edição. Brasília: IEB Mil Folhas, 2017.

DICIONÁRIO GOOGLE. Busca pela palavra "Inventariar": <https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk029fhumNtW0m61ZUS57_-H9Vd2b4w:1628537697403&q=inventariar&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwiVptPX16TyAhU-pZUCHd5NAiAQBSgAegQIARA1&biw=1366&bih=577> Acesso em: 06 de ago. 2021

FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo-em-experiência*. Revista do LUME -UNICAMP, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp., 1995-1997. Resenha de: ABREU FILHO, Ovídio. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Revista Mana: Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, Volume:4, Número:2, p. 143-167, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/zBNHcwBOXCHXzhMHCcPw65h/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 06 de ago. 2021

FORNACIARI, Christina. *Corpo Potência: Presença, Política e Tecnologia na Performance Contemporânea*. 2015. Tese de Doutorado, UFBA, Bahia.

GIL, José. *Abrir o Corpo*. In *Corpo, Arte e Clínica*. Tania Mara Galli Fonseca e Selda Engelman (Org.). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 2ª Ed. - Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

LEOTE, Rosangella. Manual da Paixão - uma receita para realização de performance em rede. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, n.56, 2011, Rio de Janeiro. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 4421-4429.

